

# O COMBATE À XENOFOBIA NO CONTEXTO DE MIGRAÇÕES: um aporte na Fratelli Tutti que lança luzes para uma vida fraterna

José Aguiar Nobre<sup>1</sup>

## Resumo

Hoje temos o grande desafio de nos educarmos para a fraternidade universal. Os constantes eventos de uma sociedade na qual alguns procuram fazer justiça com as próprias mãos, evidenciam a urgência de um voltar-se para o diferente com empatia e respeito mútuo. Vale lembrar que o outro é portador de riquezas e nunca um inimigo a ser eliminado. Observamos que uma possibilidade de saída para a xenofobia reside na busca pela acolhida e a paz como bem observamos nas reflexões do Papa Francisco, especialmente na Carta Encíclica Fratelli Tutti. Mediante a sua enriquecedora contribuição é possível ajudar o ser humano hodierno a voltar sempre mais à sua teleologia, à sua vocação para a vida fraterna. O presente trabalho objetiva fomentar uma reflexão que lance luzes sobre o sinuoso processo de educação humana para a fraternidade universal, isto é, para o convívio com o diferente, com o estrangeiro. Em vista disto indagamos: como possibilitar meios para a construção de uma fraternidade universal num mundo fechado e xenófobo? Se trata de uma pesquisa de revisão bibliográfica, cujos resultados esperados estão circunscritos aos anseios de ampliarmos o diálogo e o encontro no espaço público, cuja convivência com o diferente se efetiva na máxima medida. Desse modo, mediante um estudo sistematizado a partir da Fratelli Tutti, podemos somar esforços, pensarmos juntos sobre esta questão, a fim de que a humanidade veja o seu próximo como um irmão e nunca como um estranho a ser eliminado, uma vez que habitamos a mesma Casa comum.

**Palavras-chave:** Fraternidade universal. Educação coletiva. Papa Francisco. Migração. Xenofobia.

## Introdução

Ao nos debruçarmos sobre a temática da xenofobia, isto é, do preconceito, caracterizado pela aversão, repúdio ou ódio ao estrangeiro, e das migrações<sup>2</sup> que se dão por meio de deslocamentos populacionais de um lugar para o outro. Esta reflexão forjada num contexto de mundo esfacelado, cujas travessias humanas sempre crescem, seja por guerras e ou mesmo fugindo das tragédias climáticas, quer enfatizar que, cada vez mais se torna urgente um olhar abrangente sobre o lugar do ser humano na vida. Como sabemos, as atitudes xenofóbicas, bem como os fenômenos migratórios estão diretamente atrelados ao lugar em que o ser humano se situa diante da existência, e isso é possível relacionar tanto localmente quanto no como ele se vê. Se faz, pois, necessário indagar: qual a mais genuína vocação humana? Como possibilitar que todos os seres humanos tenham a graça de viver dignamente como reivindica o evangelho: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenha abundantemente” (Jo 10,10). Em vistas de tantos descaminhos que os seres humanos enfrentam e procuram sobreviver a esses descaminhos, entendemos que para tratar desta questão, se faz necessário renovar a pergunta sobre o ser humano, sua vocação, a sua compreensão sobre o sentido de sua existência na conjuntura histórica. Pergunta sempre atual e que o Papa Francisco a ela recorreu no dia 12 de maio deste ano, na mensagem do LVIII Dia mundial das comunicações sociais, a saber:

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia (PUCRJ) e em Filosofia (UFPR). Professor da Graduação e Pós-graduação da Faculdade de Teologia PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa Teologia e Cultura, Profecia e Sociedade.

<sup>2</sup> “Termos correlatos: adventícios, emigrantes, expulsos, exilados, marinheiros, migrantes, nômades, peregrinos e refugiados” (Parise, 2015, p.617).

O que é então o homem, qual é a sua especificidade e qual será o futuro desta nossa espécie chamada *homo sapiens* na era das inteligências artificiais? Como podemos permanecer plenamente humanos e orientar para o bem a mudança cultural em curso? (Francisco, 2024a).

Em vista da busca de uma formação humana genuína, a fim de que continuemos cultivando a fraternidade como humanos que deveremos permanecer, é possível dizer que, permanecermos humanos, na medida em que o cultivo da fraternidade, funcionar implacavelmente como antídoto à xenofobia, do contrário, seremos seres desumanizados. Ao indagarmos como encontrar meios para combater quaisquer atitudes xenofóbicas, entendemos que um desses meios, está na capacidade humana de se encontrar para ver o mundo a partir do olhar do outro, daquele que sofre e se acha em situação de vulnerabilidade. Nesta perspectiva nos deparamos com a categoria do encontro forjada pelo Papa Francisco a fim de que possamos ter uma consciência mais clara dos problemas que afetam os excluídos. Dentre eles, ressaltamos os que vivem os traumas das migrações, traumas esses que se fazem presentes tanto nas saídas de suas realidades quanto nas dores advindas de inesperadas e doídas atitudes xenofóbicas. A esse respeito, o Papa Francisco pondera da seguinte maneira:

Gostaria de assinalar que muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas se colocam como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não considerados mero danos colaterais. Com efeito, na hora da implementação concreta, permanecem frequentemente no último lugar. Isso se deve, em parte, ao fato de que muitos profissionais formadores de opinião, meios de comunicação e centros de poder estão localizados longe deles, em áreas urbanas isoladas, sem ter contato direto com os seus problemas. Vivem e refletem a partir da comodidade de um desenvolvimento e de uma qualidade de vida que não está ao alcance da maioria da população mundial. Essa falta de contato físico e de encontro, às vezes favorecida pela fragmentação das nossas sociedades ajuda a cauterizar a consciência e a ignorar parte da realidade em análises tendenciosas (LS, n. 49).

A contundência desta fala do Papa Francisco evidencia o quanto os centros de decisões estão longe da realidade e, em vista disto, entendemos que se torna urgente e necessário acontecer o encontro, a aproximação de mundos, a fim de que possamos falar e decidirmos a partir do mundo de quem precisa e não apenas pronunciar as ponderações e decisões para cauterizar as consciências, como Francisco admoesta. Se faz, pois, necessário a reconstrução de uma formação humana dos seres que realmente importam e necessitam ser cuidados. Esses, normalmente, a partir de seus dramas são forçados a construir uma nova noção de eu, marcada pela variabilidade, pelo perspectivismo, que se constrói a partir de uma experiência de melancolia advinda de uma experiência de crise social profunda como acontece com as migrações. Essas migrações normalmente são vindas, entre outra coisa -, além das brigas pelas ganâncias dos poderosos que afetam as populações civis indefesas -, bem como das crises climáticas, fruto também das ganancias, ou ainda das guerras religiosas. Nesse novo mundo com a força de descentramento talhadas pelas forças das redes digitais é que a especialidade dos humanos para o cuidado recíproco, precisam ser evidenciada.

Vale enfatizar que, na medida em que promovermos eventos e publicações que tratem das questões referentes à xenofobia e migrações, tanto maiores chances de sensibilizarmos os humanos para debelarem os fidalgos da xenofobia teremos. Recordarmos, outrossim, que o estado da questão exige cuidado para que o ser humano possa encontrar meios de retomar à sua mais genuína vocação para o cuidado com todos

os seres da criação imersos em crises. Crises em que, segundo Leonardo Boff, é possível dizer que nelas estão visíveis sintomas dolorosos.

O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado” (Boff, 2017, p.18).

Deste ponto de vista, mediante uma consciência do quanto é demorado para que o ser humano possa cair na conta de que a sua vida é plena, na medida em que cuida de si e dos demais semelhantes, independentes de onde ele tem a sua procedência, é que entendemos ser necessário constantemente pautarmos esta questão, a fim de que tenhamos maiores chances de evoluirmos enquanto humanidade vocacionada para o cuidado recíproco e a fraternidade universal. Segundo Boff, há um descaso para com o outro, uma falta de cuidado generalizada e, sendo assim, é urgente implantarmos “uma nova ética, a partir de uma nova ótica” (Boff, 2017, p.31). Em vista disto indagamos: como possibilitar meios para a construção de uma fraternidade universal num mundo fechado e xenófobo? Para tanto, seguramente, uma reflexão sobre a importância de o ser humano ser cada vez mais recordado sobre a sua mais sublime vocação, que é o cuidado recíproco, tanto maiores chances teremos de combater atitudes de xenofobias em face ao flagelo das migrações. O presente texto se organiza em dois subitens a saber: (i) a vocação humana: uma busca imprescindível e urgente; (ii) a valorização do outro como encontro de riquezas.

#### **A vocação humana: uma busca imprescindível e urgente**

Do ponto de vista da antropologia teológica, vale recordar que a vocação humana consiste em caminhar rumo à felicidade de uma vida plena de sentido, isto é realizada, em paz com todos os seus semelhantes, filhos do mesmo Deus. Antes de qualquer ponderação nesse sentido, vale recordar que: “no que se refere ao passado, a Igreja sempre prestou uma atenção particular à migração, intervindo com pronunciamentos doutrinários ou diretrizes pastorais. Ao mesmo tempo que sinalizava para situações dramáticas conseguia perceber nas migrações a presença do misterioso plano de Deus” (Parise, 2015, p.615). Nos tempos hodiernos, no qual a influência do fenômeno tecnológico e o avanço da internet, mediante o qual as comunicações digitais inserem, se faz urgente entender que, da mesma forma que, “em termos migratórios o Vaticano II se coloca assim como ponte entre o percurso que tinha chegado até *Exul familia* e o outro que levará à *Erga migrantes caritas Christi*” (Parise, 2015, p.515), com o Magistério de Francisco plenamente sintonizado com o Vaticano II, ele traz à tona inúmeras reflexões e iniciativas, principalmente a partir da *Laudato Si'* e da *Fratelli Tutti*. Em sintonia com o processo sinuoso de educação humana para a vida fraterna, num pequeno “retrato” do mundo hoje, podemos entender como parte daquilo que causam as migrações, cuja xenofobia eclode como triste evidência do agir humano, o pensador Leonardo Boff, pondera:

Há um descuido e um descaso na salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. Solos são envenenados, ares são contaminados, águas são poluídas, florestas são dizimadas, espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiças e de violência pesa sobre dois terços da humanidade. Um princípio de autodestruição está em ação, capaz de liquidar o sutil equilíbrio físico-químico e ecológico do planeta e devastar a biosfera, pondo assim em risco a continuidade do experimento da espécie *homo sapiens e demens*. Há descuido e descaso generalizado na forma de se organizar a habitação, pensada para famílias minúsculas, obrigadas a viver em cômodos insalubres. Milhões e milhões são condenados a viver em favelas sem qualquer qualidade de vida, sob a permanente ameaça de deslizamentos, fazendo cada ano milhares de vítimas (Boff, 2017, p.21).

Vítimas essas que, [sem contar as situações fatais] as sobreviventes são obrigadas a migrarem, de forma traumática e, se não bastasse esse trauma, se deparam com as injustiças das atitudes xenofóbicas. Ressaltamos que hoje, de modo assustador, a falta de empatia e afeto, bem como de conhecimento em torno do que é essencial ao ser humano, está levando-nos a uma espiral de autodestruição. Em face a tamanha falta de sentido da vida e de consciência da vocação humana para o cuidado recíproco e respeito ao diferente, se faz necessário visualizar, “um novo paradigma de re-ligação, de re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem; inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento de pertença amorosa à Mãe-Terra. Essa viragem se mostra pelo crescimento dos grupos que cultivam a ecologia, a meditação e a espiritualidade” (Boff, 2017, p. 29). Nesse sentido, numa perspectiva diagnóstica, pondera o Papa Francisco:

Procurei examinar a situação atual da humanidade, tanto nas brechas do planeta que habitamos, como nas causas mais profundamente humanas da degradação ambiental. Embora esta contemplação da realidade em si mesma já nos indique a necessidade de uma mudança de rumo e sugiro algumas ações, procuremos agora delinear grandes percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde estamos afundando (LS, 163).

Entendemos que esta admoestação para o delineamento de percursos de diálogo cuja vocação do ser humano nele está circunscrito, possibilita uma consciência do seu caminho, de procura da regeneração tão urgente hoje, a fim de que a humanidade livre da tentação de atitudes xenofóbicas, começando pelo testemunho pessoal de cada um. E isso efetivar-se-á de modo claro se entendemos que a realização humana se efetiva na medida em que a dimensão da reciprocidade ganhar visibilidade. Recordamos que, uma pessoa ao enfrentar a realidade da migração e se deparar com a triste reação xenófoba, percebe o seu mundo desabar. Vive, evidentemente, uma experiência de fim de mundo. Contudo, se estivermos bem atentos podemos notar que os povos originários viveram muitas experiências que podemos chamar de fins de mundo. Neste sentido eles são especialistas no tema. As incontáveis fúrias coloniais já dizimaram muitos dos seus sonhos e dos seus mundos. Sobre isto, o pensador Ailton Krenak, possibilita-nos uma belíssima aprendizagem, ao recordar que os povos originários já viveram muitas experiências de terem os seus mundos dizimados, e nos provocam a ouvi-los:

Ao longo de três ou quatro séculos, territórios, vidas e modos de vida foram dizimados para imprimir um único formato, esse formato monocultural, monolinguístico, e que tem também uma epistemologia única, que insiste em negar qualquer outra observação sobre a possibilidade de o governo dos homens se organizar de outras maneiras que não essa estabelecida lá, digamos, no lema da revolução francesa: ‘igualdade, liberdade, fraternidade’. A parte desse lema da qual definitivamente não conseguiram dar conta é a da fraternidade; ou a da reciprocidade, da capacidade de se afetar uns com os outros, de buscar entender que o outro, para além de uma alteridade oposta, é também a possibilidade de a gente se constituir como pessoa. Eu só posso ser alguém se existirem os outros. Mas essa fúria de eliminar o outro não permite que nos constituamos, cada um de nós, com a sua alteridade positiva capaz de interagir no mundo, de uma maneira que coopere para que o mundo seja melhor (Krenak, 2021, p. 67).

Para a regeneração de um mundo que vive imerso em crises, o Papa Francisco, numa mensagem do LXI dia mundial de oração pelas vocações recorda, que o Senhor nos dá a possibilidade de tomar parte no seu projeto de reconstrução do Reino. Com sabedoria Francisco nos recorda que o chamado de Deus “é o modo mais seguro de alia vocação de tantas pessoas, pais/mães, religiosos/as tantas outras pessoas que doam as suas vidas a fim de que os sofrimentos sejam aliviados, e de que o bem produzido pela sociedade

esteja realmente ao alcance de todos para que as vidas reconstruídas desta maneira pondera:

Assim, este dia proporciona-nos sempre uma boa ocasião para recordar, com gratidão, diante do Senhor o compromisso fiel, quotidiano e muitas vezes escondido daqueles que abraçam uma vocação que envolve toda a sua vida. (...). Como indivíduos e como comunidade, na variedade dos carismas e ministérios, todos somos chamados a ‘dar corpo e coração’ à esperança do Evangelho neste mundo marcado por desafios epocais: o avanço ameaçador duma terceira guerra mundial aos pedaços, as multidões de migrantes que fogem da sua terra à procura dum futuro melhor, o aumento constante dos pobres, o perigo de comprometer irreversivelmente a saúde do nosso planeta. E a tudo isto veem ainda juntar-se as dificuldades que encontramos diariamente com o risco de nos precipitar, às vezes, na resignação ou no derrotismo. Por isso é decisivo, para nós cristãos, cultivar um olhar cheio de esperança no nosso tempo, para podermos trabalhar frutuamente respondendo à vocação que nos foi dada ao serviço do Reino de Deus, Reino do amor, de justiça e de paz (Francisco, 2024b).

A riqueza do pensamento do Papa Francisco, cuja esperança se insere como um horizonte em que o ser humano deverá ser portador e distribuidor, possibilita-nos um olhar diferenciado sobre a vida. O Papa pondera que, em face às configurações do nosso tempo, “sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ do viver juntos, misturar-nos nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se em uma verdadeira experiência de fraternidade, caravana solidária, peregrinação sagrada” (EG, n.87). Francisco assevera que, na dinâmica fraterna que envolve a todos, somos desafiados a fugir do pecado de nos preocuparmos apenas em ocupar espaços.

Um dos pecados que, às vezes, se notam na atividade sociopolítica é privilegiar os espaços de poder, em vez dos tempos dos processos. (...). O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos de uma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes (EG, n. 223).

Em outras palavras, podemos dizer que ao voltarmos para os processos, podemos permitir que os dinamismos naturais na sociedade que é o envolvimento mútuo e a participação de todos nos processos de decisões, que evitaremos as grandes tragédias, cujas migrações são frutos, pois sabemos muito bem que, quem se ver necessitado a migrar, não participaram das decisões sociais, isto é, nunca morariam nos lugares vulneráveis e perigosos por escolhas, mas porque são as únicas opções que lhe restam. Ao debruçarmos sobre a maneira de ensinar do Papa Francisco na qual ele convoca-nos ao comprometimento de outras pessoas e grupos, ele está provocando um novo jeito de estamos no mundo que pertence a todos a fim de que os flagelados sejam poupados de tantas dores. Nesse dinamismo social está implícita a sua exortação para olharmos e valorizarmos as riquezas do outro.

### **A valorização do outro como encontro de riquezas**

O outro é portador de riquezas e mistérios de modo que merece ser respeitado e valorizado, mediante a beleza da alteridade, da reciprocidade. Nesse sentido, vale dizer que:

Fora desse viés de reciprocidade, o ser humano será sempre um eterno insatisfeito e escravo de seus caprichos, de seus preconceitos, intolerâncias e etnocentrismos. A reciprocidade é o itinerário que compromete, naturalmente, a vida de cada pessoa. Porém, é um compromisso que não se torna um peso, mas uma estreita ligação entre a própria realização pessoal daquele que acolhe e a realização do outro,

que é acolhido. Trata-se não de um fazer para sentir-se bem, e sim de um 'ser' para o outro por vocação (Nobre; Conceição, 2021, p. 123).

Com o fenômeno de um mundo fechado, egoísta e imerso em crises, a contribuição do Papa Francisco possibilita aos seres humanos hodiernos reverem as suas posturas, ao convidarem à meditação da parábola do samaritano, a partir da indagação pelo próximo (Lc 10,29), cujo ensinamento essencial será sempre se perguntar de quem nós nos fazemos próximos. “A conclusão é o pedido de Jesus: ‘vai e faz o mesmo’ (Lc 10,37). Por outras palavras, desafia-nos a deixar de lado toda diferença e, em presença do sofrimento, fazer-nos próximos a quem quer que seja” (FT, n. 80). Francisco nos lembra que somos desafiados pelo Evangelho a nos colocarmos numa postura de “um amor que se abre a todos. A proposta de reflexão do Papa Francisco nos faz ver que “o encontro entre judeus e samaritanos é uma forte provocação, que desmente toda manipulação ideológica, desafiando-nos a ampliar nosso círculo, a dar à nossa capacidade de amar uma dimensão universal, capaz de ultrapassar todos os preconceitos, todas as barreiras históricas ou culturais, todos os interesses mesquinhos” (FT, n. 83).

Outra lembrança boa que o Papa nos recorda a partir de Jesus se remete ao seu falar: “‘Eu era forasteiro, e me recebeste em casa’ (Mt 25,35). Jesus podia dizer essas palavras porque tinha um coração aberto, que assumia os dramas dos outros. São Paulo exortava: ‘Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram’ (Rm12,15). Quando o coração assume essa atitude, é capaz de se identificar com o outro sem se importar com o lugar em que nasceu e nem de onde vem (FT, n. 84). A riqueza do outro vista a partir da lógica das Sagradas escrituras, mediante a qual compreendemos que “o outro é a tua própria carne” (Is 58,7), percebemos a dimensão transcendente que nos une enquanto humanos descendentes da extirpe divina. “Na realidade, a fé cumula de motivações inauditas o reconhecimento do outro, pois quem acredita pode chegar a reconhecer que Deus ama cada ser humano com amor infinito e que ‘assim lhe confere dignidade infinita’ (FT, n. 85). É a partir deste olhar que Francisco a todos os habitantes do planeta para pensar e gera um mundo aberto, mediante o qual sejamos capazes de nos doarmos-nos mutuamente, como condição indispensável para nos realizarmos como pessoas. “O ser humano se faz de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude ‘a não ser por um sincero dom de si mesmo’ (GS, n. 24) aos outros. Ele não chega a conhecer a sua própria verdade, senão no encontro com os outros.

### **Considerações finais**

A proposta de combate à xenofobia no contexto das migrações à luz da Fratelli Tutti em busca de uma fraternidade universal, a nosso juízo, se efetiva quando estamos dispostos a construirmos sociedades abertas, isto é que procurem integrar a todos. Deste ponto de vista, vale recordar que o Papa Francisco nos convida a olharmos não somente para os forasteiros geográficos, mas também para os existenciais, cujo isolamento se torna uma realidade bem perto de nós. Nesta perspectiva, argumenta Francisco: “Pode ser um cidadão com todos os documentos em ordem, mas fazem-no sentir-se como um estrangeiro na sua própria terra. (...). Quero lembrar desses ‘exilados ocultos’ que são tratados como corpos estranhos à sociedade” (FT, n. 97). Se faz, pois necessário ungir a todas as pessoas de dignidade. Não se trata de uma tarefa fácil, contudo, apesar de ser um caminho exigente e igualmente cansativo, mas sem dúvidas, o processo sinuoso de formação humana para a vivência coletiva e a acolhida do diferente, com a grandeza de forjarmos “consciências capazes de reconhecer cada um como pessoa única e irrepetível” (FT, n. 98).

Em suma, neste processo de combate à xenofobia estamos a aprender a romper a lógica de uma mentalidade de ver o outro como um sócio, isto é, aquele que é associado para algum interesse, a fim de que evoluamos para uma perspectiva fraterna de acolhida, na qual somos vistos e tratados como próximos. Nesta bela compreensão seremos sempre reeducados para a vivência despreziosa de um amor que “se estende para além das

fronteiras” FT, 99). Dessa maneira, deixaremos de contemplar um futuro monocromático para enxergarmos a riqueza das diferenças, cujas contribuições de cada um fortalece o nosso viver e conviver. Desse modo, adquiriremos sempre mais um novo jeito de viver, mediante o cultivo de um amor universal que procura promover a todas as pessoas. Assim fugiremos da vertente perigosa da retórica do ódio e da desumanização do outro, que é, por excelência habitação e portador do mistério.

## Referências

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 2ª. reimpressão, 2017.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o LVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais: Inteligência artificial e sabedoria do coração: para uma comunicação plenamente humana**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20240124-messaggio-comunicazioni-sociali.pdf>. Acesso em 26/05/2024a.

Francisco, Papa. **Mensagem do Santo Padre, o Papa Francisco para o LXI Dia Mundial de Oração pelas Vocações: chamados a semear a esperança e a construir a paz**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/20240421-messaggio-61-gm-vocazioni.pdf>. Acesso em 27/05/2024b.

NOBRE; José Aguiar; CONCEIÇÃO, Elizeu da. O imigrante e o direito da hospitalidade: um aporte na ética do bem-viver à luz do Pensamento de Paul Ricoeur. In. LUSI, Carmem; KUZMA, Cesar. **Hospitalidade, comunidade cristã e mobilidade humana**. Trad. Brenda Ribeiro. Brasília: CSEM, 2021.

KRENAK, Ailton. Sobre a reciprocidade e a capacidade de juntar mundos. In. KRENAK, Ailton. **O sistema e o antisistema: três ensaios, três mundos no mesmo mundo/ Ailton Krenak, Helena Silvestre, Boaventura de Sousa Santos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PARISE, Paolo. Migração. In. PASSOS, João Décio; SANCHES, Wagner Lopes. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção dicionário).